

# Pessimismo do País é tema de reportagem nos EUA

Noite após noite, grupos de pessoas circulam pelo ex-palácio presidencial no Rio de Janeiro para assistir à reencenação do suicídio do presidente Getúlio Vargas, ocorrido em 1954. Escrita com fins históricos, a peça sombria tocou inesperadamente um vasto filão de pessimismo no Brasil. Programadas para três dias, as exhibições se estenderam por três meses, enquanto os brasileiros viam o presidente Fernando Collor lutar em vão contra a espiral inflacionária e um Congresso rebelde.

O pessimismo do Brasil é assim tão profundo por causa das muitas esperanças suscitadas pela eleição de Fernando Collor de Mello, dois anos atrás. Collor fez os brasileiros sonharem de novo com promessas de tornar o País uma potência de Primeiro Mundo através de políticas de livre mercado que levariam à baixa inflação, ao grande crescimento e aos investimentos estrangeiros irrestritos.

Mas hoje, enquanto a Argentina, o Chile, o México e a Venezuela controlam sua inflação e retomam o crescimento econômico, o Brasil se destaca como a principal exceção no renascimento econômico da América Latina. O poderoso Congresso do Brasil, controlado por partidos de oposição, demonstra que pouco se interessa em aprovar projetos de lei sobre impostos e emendas constitucionais destinadas a superar a defasagem inflacionária que existe entre as receitas e as obrigações do governo.

## Moeda sem valor

Enquanto isso, os brasileiros veem sua moeda perder a cada dia 1% de seu valor. O Brasil encerrará o ano como a única nação da América Latina que tem inflação ascendente, com um índice anual de três dígitos. No primeiro ano do governo de Fernando Collor, os salários dos brasileiros encolheram 20%.



Arte de Jorge Arbach

Numa proeza diplomática em São Paulo, Enrique V. Iglesias, presidente do Banco Interamericano e Desenvolvimento (BID), conseguiu falar sobre a "revolução silenciosa" da América Latina — seu renascimento econômico de livre mercado sem citar uma só vez o país anfitrião. Pátria de um terço dos latino-americanos, o Brasil tem o maior Produto Nacional Bruto da região.

Um otimista, o ministro da Economia do Brasil, Marcílio Marques Moreira, advertiu numa entrevista: "A psicologia do Brasil é oscilante: do milagre brasileiro, pendemos para o desastre. Creio que o estado de espírito nacional está começando a melhorar". Mas uma crise nacional de amor-próprio é mais visível nas filas de emigrantes potenciais que se formam todo dia diante dos consulados dos Estados Unidos, Japão e países

da Europa Ocidental. Nos anos 50, último período de imigração em massa para o Brasil, 590 mil pessoas se mudaram para cá. Mas, na década de 80, cerca de 630 mil pessoas, em grande parte brasileiros da classe média, deixaram o País.

Enquete feita pela Ogilvy & Mather mostrou que a "confiança" no governo caíra, dos 36% no ano passado, para 6% este mês. O número de empresas que requerem falência e o número de cheques recusados por falta de fundos correspondem hoje ao dobro dos índices do ano passado.

Com os preços subindo 26% em novembro, os brasileiros reencontraram antigos jeitinhos para enfrentar a inflação. Nos dias de pagamento, brasileiros de classe média convergem para os supermercados a fim de comprar gêneros alimentícios que dêem para o mês todo. Na pró-

xima semana, quando entrar em circulação uma nova nota, a de Cr\$ 50 mil, estará valendo a metade do que valia quando sua impressão foi aprovada, dois meses atrás.

"A inflação não me afeta de modo algum", disse Ricardo Frank Semler, industrial de São Paulo, recém-eleito Empresário do Ano. "O Brasil está em clima hiperinflacionário há sete ou oito anos. O Brasil está apenas tendo seu desenvolvimento retardado pela incompetência. A pergunta concreta é: Quem consegue fazer as coisas mudarem? Não é o sujeito que está no poder. Collor esgotou seu combustível em seus dois primeiros anos".

Frustrado pelo Congresso que a oposição controla, Collor exprimiu recentemente sua ira. Numa semana, ele disse que a comunidade empresarial de São Paulo é "covarde". Na semana seguinte, disse que os sindicalistas de esquerda de São Paulo são "meliantes". E, mais recentemente, chamou de "pirralhos mimados" a um grupo de membros centristas do Congresso. Já Thomas Skidmore, autor de livros sobre a História brasileira, disse: "A grande indagação é: Como essa personalidade inconstante vai jogar a partida final? Penso que ele avança em busca do impeachment".

Domingo passado, Collor declarou à imprensa não esperar que o Brasil retome o crescimento econômico antes de 1993. Muitos analistas prevêem que, depois do Natal, o presidente baixará outro "pacote de verão" para controlar os preços. "A hipótese mais provável é que o governo tente se sair bem de qualquer jeito, indo de uma pequena vitória para outra", argumentou o senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB), um dos alvos da observação do presidente sobre "fedelhos mimados".

**James Brooke,**  
do N.Y. Times